



PELA REPÚBLICA

Editor

HOMERO DOS SANTOS ORAÇA

Administrador

JOSE RODRIGUES R. MARQUES

Anúncios: Série de 12 números \$20

DIREÇÃO DE

José dos Santos Pardo e Luis Pinto Garcia

PROPRIEDADE DO GRUPO «MODERNO LIVRE» (EM ORGANIZAÇÃO)

Redação e Administração

RUA 5 DO TURBID-CASTELO BRANCO

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MENDEIRA-COVELLA

Publica-se em todos os quiosques

## Hitler e as nossas colonias

Agora que a Alemanha está envolvida em lutas intestinas, não é demais tocar, neste momento, o problema—Hitler e as nossas colonias.

Ninguém ignora que Angola e Moçambique tem sido sempre objecto de cubia das chamadas grandes potencias europeias.

Antes de 1891, já em certos mapas ingleses «o interlúdio» que ligava Angola à contra-costa, figurava a côr de rosa, como «terra de ninguém», e em Janeiro desse anno, esse territorio passava para os domínios ingleses depois de termas passado pelo vexame dum affronto «ultimatum».

As campanhas da Zuluandia que se reflectiram em Moçambique na guerra com o chefe ronga Gungunhana, foram o resultado da instigação britânica. E um anno antes da Grande Guerra, um tratado havia entre imperialistas alemães e tradicionalistas ingleses sobre as nossas duas grandes colonias, que representava um atentado às nossas posses administrativas e a sua propria perda.

A Guerra e a nossa entrada nela eviliaram a tempo semelhante catastrophe.

Portém, a investida de Von Letow com os seus «askaris», pelo Rovuma, mostraram-nos, embora tarde, as intenções da gente germanica.

São passados quasi vinte annos e o passado quasi esquecido, a nós, como comolidas e cépticos ao que nos rodeia e neles, a dura lição recebida.

1932—quasi se aproxima e com elle o terrivel fantasma duma nova hecatombe mundial preconizada por Ludendorf.

Adolf Hitler, o austriaco foragido da sua patria, organisa os seus «nazis», incute-lhes a fúria guerreira e o pensamento imperialista e prepara-se ostensivamente para subir ao poder. O governo social-democrata Brüning é o fiel da balança entre racistas e comunistas, mas as hostes nacionalistas alemãs estão organisadas e o numero dos seus membros é muito superior ao do exercito regular alemão. Milícios e milicias alemãs estão organisadas militarmente, optimamente exercitadas, formalmente armadas, Hugenberg e os seus «capangas» d'acôr, a *landsturm* a *landwehr*, etc. e a *Himmler* será impotente para conter essa avalanche militarista. A fúria da guerra cega-os, todos os dias e em diversos pontos da Alemanha: Hamburgo, Colônia, Leipzig, Francfort, etc, eles fazem demonstrações bélicas, paradas, cortejos, gritando pela Guerra. Aos gritos de *Alemânia, alemânia*, há conseguido uma autonomia para a Região Renana e para o Ruhr e não descansam enquanto não viem o Sarre Livre.

Ultimamente, Rosenberg, o lugar-tenente de Hitler, foi a Londres fazer o quê? Não haverá entre alguns tradicionalistas ingleses e o chefe germanico, alguma ligação? E as nossas colonias serão aliheas aos assuntos dessas entrevistas? É preciso não esquecer o tratado secreto anglo-alemão de 1913. Hitler e os seus não descansam. Não podem perder aos aliados a perda das suas colonias e para as alcançar lançam mão de tudo, até do auxilio dos apparentes inimigos. A desforra ousta-os...

E as suas ex-colônias—o Sudoeste Africano Alemão e a Africa Oriental Alemão—ficam tão proximas de Angola e Moçambique; Serra M'culu, Chomba Kivumbo, Naulila e Cuangar, são acontecimentos que não poderemos olvidar, são factos que se podem repetir um dia, mais tarde e destrastadamente.

Na Alemanha existem hoje revistas coloniais tão bem confeccionadas como as de qualquer grande patria colonial e o Dr.

(Continua na 5.ª pagina)

## Como na guerra

O soldado na frente da batalha, com sacrificio da propria vida, conserva o posto que occupa.

E a vida é uma batalha.

Por ela luta todo ser pensante e todos se esforcam por não perderem as vantagens que alcançaram.

Mas isto em qualquer campo que a luta se faça.

Todos lutam para atingir os seus fins.

Luta o operário para ganhar o pão de cada dia, o científico para alcançar a gloria, o agricultor a riqueza e o politico o Ideal.

Todos tem o seu posto de combate.

«Modidade Livre» entrou na luta e, embora humilde os seus esforços, ha-de procurar limar os postos conquistados.

Com gallardia quer sair da contenda, porque os seus ataques são leais e os seus componentes têm caracter.

Na guerra como na guerra, mas sempre com lealdade.

O Ideal republicano é o seu lema e a Liberdade a sua bandeira.

Por estes dois pensamentos se baterá sem tibieza nem fraquezas.

Correrão nas veias sangue de portugueses, mas d'Aquelles que o mundo admira e crê nome uma nação inteira pronuncia com orgulho.

Não cubrem o mudo e por isso não sobeio voltar as costas como poltrões.

Firmes que não recuam; esperam alcançar o seu pensamento.

Ao lado dos oprimidos e dos desprotegidos da sorte, ella entrará na peleja e, assim, espera que um dia a Historia lhe diga, como Napoleão aos seus soldados: «Uns são diqueiras pirâmides, trinta seculos vos contemplam».

Dezembro de 1931.

CASTO

## COMBATE

Vastos proberer à cuberança da primeira serie de assinaturas do nosso jornal. Eucado será direto, que, apesar de toda a nossa boavontade, os progressos de «Modidade Livre» dependem do modo como a cuberança seja feita, isto é, do acatamento que os assinantes dêem aos recibos que lhes vão ser apresentados.

Como todos os jornais republicanos, «Modidade Livre» não tem finaceiros ou grupos que o sustentem. Cance, por isso, do favor dos assinantes que lho proferam pagando rapidamente os recibos.

Este numero foi visado pela comissão de censura

## NOVAS SOLTAS

### Academia republicana

Isso não é para irritar, porque a verdade não está os seus institutos...

Mas também paciência, não se esqueça a realidade.

Uma vez mais a modidade das Escuelas provas estar de alia e coracão com a Republica.

Em todas as Escuelas Superiores de Lisboa, as listas republicanas triunfaram nos estudos para os corpos generais das Associações Academicas.

E as guetas republicanas quasi todos os dias, que as hostes nacionalistas recusam a ellas votar Cagão, são velos os não querem ver?

### Estudantes espanhóis

Chegarão ha já a capital, cerca de 50 estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Central de Madrid, acompanhados de dois alunos catolicos de seus estabelecimentos de ensino.

A recepção feita na Academia de Lisboa foi condizente com o Individual.

A attitude dos academicos da Calle de Alcala, no advento da República Imita, não foi excepção pelas estudantes portuguesas, que não guto digno e simpatico, as suas visitas a esta chegada, é estacio de Rocio, chamado a República Espanhola.

### Publicações

Clara Campanario que é um valor intelectual indicativo do país visitado, vem de volta corroborada os seus ideais intellectuais, nas paginas admiráveis do livro recente de Palácio Valdés, que é a primeira das primeiras Series presentadas da literatura espanhola.

Pelo um jornal cá da terra, relatam-se um dia destes á distincta poesia catalãna em termos depressivos e nulos.

Dizer mal de tudo e de todos, nunca chegou utilidade invidiada de um faccionismo cristallino, não convence ninguém.

Decore-se de ideias, mas mundo de uns possíveis agudizados; inteligente e de forma elevada, não de contrito. Assim se tem torca acastillar nos incensos, como se de alguns acastillar. Não crendentes...

### Corá nota a sua missão?

Dizem-nos de Alcanes que um dos proberentes officiaes se embriou, durante os estudos, a fazer propozições religiozas á todos os seus alunos, como premio das boas appreciações, molchados em Seta de Tule e de outros pontos de sua vida vagar.

Não nos latevamos se este funcionario da Enxada, crente em materia politica e religiosa, professava tal ou tal religião, ou se devia detestada essa religião. Sómente proberentes a quem nos possa responder. Será esta a missão do referido Enxada? E não haverá propaganda da religião feita dos seus alunos que o Enxada lhe pagou?

### Quanto ganha?

Um candidato ali para os bandos de Alcanes, escreveu-nos, indignativamente contra o artigo "Triste fim das culpas de Senador, da autoria de de de Carlos de Seta, nosso diuturno colaborador.

Depois de bom tempo, o Enxada da Enxada, terminou assim o seu postal: «Se não leu a Seta, mandada pelo Dr. Senador, pague 75\$—Falta a Seta».

—Tipografia Fenevex. Um assinante. Qual será o percentagem que a Tipografia Fenevex dá ao nome de Senador?



# REPUBLICANOS?

# SILVICULTURA

Importância das florestas na regularidade das chuvas.

Se considerarmos os diferentes Postos Meteorológicos que se encontram espalhados por todo o País, notamos que as chuvas em Portugal são muito não distribuídas.

Assim, são bem conhecidas as más condições que a cultura dos cereais encontra, e em grande parte em virtude de não ser suficiente o regime das chuvas. É que, com isso, não há só que atender à quantidade das chuvas, mas sim e principalmente à maneira como elas se distribuem pelos diferentes meses. O ideal, seria que as chuvas caídas variassem com a exigência das plantas e em especial dos cereais. Infelizmente raras vezes assim acontece, porque o trigo, por exemplo—crece pouco e transpira pouco durante os meses de Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e até Março, e a cultura é durante os meses de Abril, Maio e Junho, que a sua actividade vegetativa está em plena vigência, que a transpiração se opera com maior intensidade, e que, por consequência a água lhe é mais necessária. Ora é precisamente nestes meses que a chuva entre nós mais escasseia, isto é, as chuvas em regra passam-se a chuvas de que seria para deixar, abunda a água quando não é precisa, e escasseia quando a sua necessidade mais se lhe sentir.

Estes inconvenientes são agravados em grande parte pela arborização, porque embora as florestas, as florestas de vague e água entre o solo e a atmosfera sejam mais intensas, devido à grande superfície foliar, e mantendo-se esta quantidade de vapor e, devido ao maior desenvolvimento natural é de que consente a qualidade de chuva caída no floresta.

Na floresta não se encontra só os efeitos da natureza e da vida, mas sobretudo, em termos mais regulares e actuais visíveis.

A floresta rege também as variações climáticas, variando termos variando as temperaturas, e por consequência menos frequentes as geadas no inverno, e menos excessivos os calores no verão.

Sobre os efeitos tem também a floresta o seu largo marcado, porque o óbvio que lhe é de obter os a fazer um movimento ascendente as chuvas mais raras, resultando por vezes desde falta a precipitação das chuvas.

Na floresta tem ainda mais vantagens, como estas: o ar—o enriquecimento e a desagregação do terreno onde se encontra, porque as raízes dos arvoredos são capazes de extrair a água da penetração, profundando o sub-solo em todos os sentidos, e se se elevam rochas entram pelas suas fendas e provocam a sua desagregação, dando-lhe a permeabilidade suficiente para que o ar e a água possam continuar o trabalho necessário. Dize, que a floresta enriquece o terreno com a humidade, e embora o caso não pareça estranho, as raízes das espécies florestais absorvem as substâncias assimiladas a uma grande profundidade, onde permanecem inactivas, restituindo-as depois sobre a forma de detritos de toda a espécie; pois bem, embora não faça mais que restituir o que lhe tira, melhora o solo na sua fertilidade obrigando a cobertura morta, que hávia nas suas raízes.

A floresta tem ainda a grande vantagem de impedir a entrada do mar pela terra, porque até mesmo nessa terra do litoral existe de grande pobreza e secura, o desenvolvimento de certas espécies florestais é possível.

Assim se põe a nossa riqueza

# Hitler e as nossas colónias

(Continuação de 1.ª página)

Schacht fez um plano colonial para a Alemanha que quasi quis impor as potências e que por elas tão largamente foi discutido. E isto quer dizer alguma coisa!

Se Hitler, por qualquer forma subir ao poder, o fogo pegará ao rastilho e a guerra aparecerá numa e cruel pela Europa, pela quente África, por todo o Mundo enfim e ali... daerva que o cavalo do novo Attila pisar, não crescerá mais, morrerá.

Se Brüning e os comunistas alemães não se oporem, Hitler e os seus huns darão largas à sua fúria belicosa... E o que será de nós e das pequenas potências?

Não terão aqui os comunistas alemães, com o seu natural pacifismo, um papel até certo ponto defensivo para a nossa integridade?

Portugal, Bélgica, Holanda... francos Nações se a Alemanha nacionalista der realidade alguma conhecida: «DEUTCHLAND UBER ALLES, UBER ALLES DER WELT!»

L. G.

Dr. Catão de Menezes

Pelas datas que diariamente o jornal publicava, bem, certamente, não nos deixou desconhecido da grandiosa manifestação de apreço que o comitê de Portugal nos presta, no domingo ao dia 1.º de Dezembro de Menezes, hágora prestigioso e conhecido, e que a grande praça em que não foram de todo esquecidos os homens que os regimes e o valor da sua integridade.

# Dos nossos correspondentes

Ladeira, 6/12/93!

Ao iniciar as minhas modestas correspondências para o brilhante semanário republicano «Mecidade Livre», envio as minhas mais sinceras saudações aos seus ilustres directores, fundadores, corpo directivo, fazendo votos para que a vida do nobre jornal seja muito longa e próspera.

— Os resultados, em milímetros, registados pelo odómetro, há tempos estabelecido nesta localidade, foram, ao mês de Novembro, os seguintes: 12.500, 12.500, 12.500, 12.500, 12.500.

— Realmente, nesta cidade, no dia 1.º de Dezembro, no «Club Recreativo Ladeiraense», um baile.

— O tempo continua propício para a vida agrícola. O transmissor regista hoje, a sombra, 30 graus.

12/12/93!

Organizada pela Sr. Joaquina Trigueiros, realizam-se as preterias quintas-feira, nas ruínas, na serra do Roldão, limite desta freguesia, onde fazem abalados rapazes e donas labo. Participaram na caçada indivíduos desta localidade e de Escalos de Baixo.

— No monte da granja, limite de Malpica, malpicaense, se, ano-antero, em incenso nova choça, devorando feno e comestível de cinco joraleiros desta freguesia.

florestal, arborizando os terrenos onde a cultura arvense não renasceira, porque com esta medida aumenta a riqueza da nossa terra.

Castelo Branco, Dezembro de 1931

MARTINS ROMÃO

Varias vezes tenho cedido ao meu cérebro a concentrações atarradas e cheias de boa vontade para ver se consigo destrinçar, perceber, as varias modalidades do republicanismo que, da de tempos a esta parte, se vêm desenvolvido no interior da vida das ideias sociais.

De-se-lhe a guerra-se transformam a complexidade daquele híbrido numa desconhecida Pimpela ao serviço da qual os espiritos privilegiados e passados de um grande poder imaginário, vão arrastando, numa luta feroz, novos troféus, valiosos, belíssimos, pela raridade, se quais as suas mais solidarias egergo ao máximo, perante a imensa multidão da ignorância.

Não vos, evidentemente, fazer passar, perante as ohas do benevolente leitor que me lê, essa serie de troações que—talvez sem grande licitude...—comparo a um pobre modelo que é obrigado a apresentar-se com as mais varias «toilettes».

Litellismo, não só para o espirito republicano mas também para as intelligencias bem formadas, esse modelo é uma ideia defeituosa, e essa estaca sacrosanta que os ohas do Hércules de 5 de Outubro de 1910, vítimas de um erro que lhes parecia uma verdade inabalável, julgaram ver-lhes sorrir um pedestal de Gloria, de Justiça e de Verdade...

A doutrina pura, seja qual for, é, sempre, impérica, insalável! E', diga-me, Fel Assim é que está certo: hoje há republicanos associados, católicos, conservadores, etc, etc.

Antigamente quem se dizia republicano tinha defendido ladeiramente a sua posição perante a Sociedade, o Estado e a Igreja.

Como tudo mudou...

Quando estropeio com semelhantes «aleitões» sinto uma triste piedade por aqueles que, por moitos e vales andares proclamando a beleza axiomatica da doutrina republicana; veja que o sentido da liturgia revolucionaria foi indolentemente deturpado; tenho a impressão de que a obra de propaganda foi inútil.

Não, pensando uns momentos, o meu tom apressado desvanecia-se, lembrando-me a meu olhar para melhores horizontes: valia a sentir um idealista prático, uma felicidade humana, um grande gozo espiritual, porque tenho a certeza, firme e irredutível, que essas orações repassadas de entusiasmo e de poder persuasivo, que dançavam as multidões e as manifestações durante horas consecutivas, e que pareciam correr céleres como a vida de um rio de Malhebre, um silencio cheio de segurança e respeito, encontraram o eco devido no peito generoso do Povo Português que não se cansa de enovar humilmente mas na mais actividade, lê, deante do olhar sagrado da Patria, um símbolo comestivo, os acordos heróicos da República!

E tudo isso me contemto, a alma transbordante de alegria, porque descubro, em sua repugnância, uma das muitas maneiras desta sociedade preterida—a cuberdade, a frequência moral de certas individualidades incapazes de tragemem de um modo altilo, inconfundível, a sua attitude perante si próprios.

Todos tem uma posição ambígua, não possuem a limpididade os seus passos exultantes, a luz inconfundível da Razão porque apenas são escravos do instinto do comodismo; não se sujeitam ao menor sacrifício porque não sentem as Dóres do Mundo, porque não sentem viver o sentimento altruista, porque—e eis a grande verdade—«isto tudo...» menos idealistas!

Se eu que se julgam possuidores de quaisquer conceitos doutrinares e estão dentro da referida aberração mental, sinto tudo o que quiserem—fixei bem!—menos republicanos.

E aqui, desta desproporção reduzo que gentilmente os rapazes da «Mecidade Livre» me concederam, eu grito bem alto, com todo o poder das minhas pulmões, com todo o meu entusiasmo de moço, para que, se possível, lê, os Moitos também me ouçam!

A serie republicana é-se de um unico modo: progressivo, totalmente quanto possível, justa, repudiado tanto a escravidão fisica como a espiritual!

Só é republicano quem não está ao sacrifício, com uma estaca altiler, a verdadeira, a unica Republica.

A Republica Republicana!

A Republica em que a égide gigante da Democracia é iluminada pelo

luzo sublime da Liberdade!

Arthur Maldonado Freitas

## Até nas barbas do senhor!...

A «Montanha», do Porto, noticiava-nos que um indivíduo se queixava à policia por lhe terem furtado a carteira com uma centena de escudos quando, muito pachoramente, fazia as suas orações numa igreja daspa da cidade.

—Que descaçados, estes cartelistas...

Até nas barbas do Senhor!...

## Retificação

Nos annos de «A Mundial» e da «Patriota Litterariense», saem uns galhões que achamos conveniente rectificar.

No primeiro são reservas, em vez de reservas; contra os riscos, em lugar de contra todos os riscos; nº 64, quando devia ser 73.

No segundo, são Ozeta da Praça Nova, em vez de Gasteria da Praça Nova.

Pedimos desculpa nos respectivos annuncios e amigos.

Alfaiataria Lisboa

— DE —

**José d'Ascensão Moura**

Confeções para homens, senho-  
ras e crianças, sempre pelos  
últimos figurinos

**Forros em todas as  
qualidades**

**Preços Modicos**

R. Alfredo Koll, 13 e 15

**CASTELO BRANCO**



AGENCIA

**José Barata Roxo**

Correspondente  
de bancos e casas  
bancarias.

**PREZITES**

Ferragens, Cofres,  
Drogas e Produtos quí-  
micos.

Material eléctrico, T.S.F.  
Ofica e Fotografia

TELEPHONE 35

Castelo Branco

**AGFA E ZEISS IKON**

Aparelhos fotograficos, de pro-  
jecção e filmagem—chapas,  
film-paks, películas e papeis

**Revelações gratuitas**

**A MUNDIAL**

É das companhias de Seguros portuguesas a que tem: maior receita de  
prémios, maiores reversas, maior capital inteiramente realizado.

Efectua Seguros contra os riscos

**— AGENTE —**

**Eduardo Afonso Salavisa**

R. Dr. J. A. Morao N.º 63 a 64

**CASTELO BRANCO**

**FRUTARIA LISBONENSE**

Tele: FONE 154  
GRAMAS—FRUTARIA LISBONENSE

Mercearia, Vinhos do Porto, Vinhos da Madeira, Licores

Nacionais e Estrangeiros

Gazeta da Praça Nova 12-13

**Castelo Branco**

**Perola Alcabastrense**

— DE —

**Viuva de Noé Lopes**

**Café Restaurant**

Agencia de Jorais e da Com-  
panhia de Seguros

Portugal Previdente

**Castelo Branco**

**Primeiro de Maio**

— DE —

**Martinho Gonçalves Valente**

**VINHOS E AZETONAS**

Rua das Constituintes

**CASTELO BRANCO**

**Tipografia Minerva**

**COVILHÃ**

Recomendamos  
aos nossos leitores  
esta acreditada ofi-  
cina.

**Galeria dos Novos**

**A República de amanhã**

Ten-se notado, acidentalmente,  
que as gerações novas tem visões,  
que corar e entusiasmo, marcar o  
seu lugar adentro da baricada re-  
publicana.

Está posta de parte a ideia apor-  
tunista de que a massa dos novos  
estava enleada no amaranho in-  
tegralista.

Essa afirmação passa-se como um  
absorção: que a massa tinha de  
conduta, em todos os campos, sou-  
be sobremaneira destruir.

A República não perigará porque  
tem a unipolaridade a selva exuberante  
da sociedade: porque os novos a  
assumem isoladamente e por ela da-  
rão o seu sangue; e porque, acima  
de tudo, os novos republicanos tem  
em uma consciência cívica, estru-  
turalizada em bases sólidas, imitando o  
coração as manifestações do cerebro  
que pensa e que sabe o que quer  
para o dia de amanhã.

A República dos novos não é a  
República romantizada, uma Repu-  
blica de lágrimas ao canto do oboe,  
benevolente e complacente, como a en-  
carnação do sr. Ribeiro de Carvalho. Não.  
A República dos novos é uma Repu-  
blica de lágrimas ao canto do oboe,  
benevolente e complacente, como a en-  
carnação do sr. Ribeiro de Carvalho. Não.  
A República dos novos é uma Repu-  
blica que não chorará jamais, que não  
transigirá perante a infiltração  
adversária; que contará resto, de uma  
vez para sempre, e sem libertar,  
toda a tentativa de assalto à sua so-  
lidez; que não permitirá o abandono  
a que foram votadas as gerações  
novas, vítimas de uma organização  
ultra-conservadora, e que encará  
a sério o problema-básico da instrução  
evitando que ela sirva de arma  
contra o regime.

Venham os velhos frequentar as  
nossas escolas, as nossas faculdades  
e sentirão, como nós, esta revolta  
justíssima de ter que estar injeções  
reacionárias.

Não. Isto não se repetirá. A lição  
dos factos tem sido formidável.

Dela temos tirado grandes ensi-  
namentos.

A República dos novos está ar-  
de frente o problema social indo ao  
encontro de todas as reivindicações;  
acabarão com o seu marro prote-  
ger a base das sociedades modernas;  
a classe operária, não permitindo  
esta vergonha que nos envergonha  
de um operário trabalhar enquanto  
pode e por fim estender a mão à  
caridade dos que vivem explorada-  
mente do seu trabalho.

A República dos novos encetará  
uma política de reforma agrária en-  
carnando a sério o latifúndio aliena-  
do; condará as necessidades de  
todos, de molde a satisfazer-las; con-  
tará sempre a direito, o caminho do  
Progresso e da Justiça, sem roman-  
tismos pueris.

E esta a nossa República.

E por ela que trabalhamos.  
Uma grande fé nos animos de que  
melhores dias virão a esta malhada  
do País.

Maria Rosa

**EM FERIAS**

Em goso de férias, encon-  
tram-se nesta cidade os nossos  
amigos José dos Santos Pandal,  
director do nosso jornal, Amí-  
nio Correia y Alberty, José Dias  
Ferreira Junior, Rafael dos San-  
tos Costa, Mario Guedes Gouveia  
e Antonio Conte de Moraes, alu-  
nos das Universidades.

Annúncie neste jornal